

UMA NOVA ERA DE XADRÊS EM PORTUGAL

É fora de dúvida que o xadrez é uma modalidade que interessa acarinhá-lo e fomentar, porque revela o índice da intelectualidade de um povo, tal como os jogos atléticos indicam o grau de cultura física.

Sob o ponto de vista xadrezístico, Portugal está colocado num plano intermédio — mais abaixo do que superior. Constantemente nos chegam notícias do ressurgimento do xadrez nalguns países onde a guerra rasgou chagas infernais. Essas nações caminham para um nível elevado de desporto intelectual, como o atingiram a Holanda, Rússia, Inglaterra, Jugoslávia, Espanha, Argentina e Estados Unidos.

O caso do xadrez, no nosso país é o de ressurgimento. O jogo de Alekhine nunca teve em Portugal a consagração que merece. Trata-se pois, no nosso caso, de construir alicerces firmes para que a modalidade vingue. Costa Moreira disse nesta Revista que a principal batalha que interessava ganhar de momento era a da quantidade. É necessário que se jogue bastante xadrez em Portugal. E por duas razões poderosas. Da quantidade vem a qualidade. E destes dois requisitos vem a convicção que o xadrez representa um valor e, aos olhos de quem de direito, uma modalidade que interessa amparar com os meios económicos que só os poderes públicos podem dispendir.

Este é um dos aspectos típicos dos desportos pobres que precisam de triunfar para lhe darem dinheiro e precisam de dinheiro para triunfarem!

O sistema é ingrato, trágico mesmo, mas força ao trabalho inteligente e à coordenação de esforços daqueles que lhes compete dar e daqueles que terão de fazer algo para o merecer!

A causa do xadrez encerra um conjunto de problemas que convém estudar meteticulosamente. Pode estar nisso o próximo futuro da modalidade. O momento é propício. Estamos convencidos que se iniciou agora uma nova era para o xadrez em Portugal.

O contacto internacional que principiou com o Torneio do Estoril e continuará com o próximo Portugal - Espanha, a maior amplitude dos torneios nacionais, a renovação dos quadros directivos com gente pleitorica de boa vontade, projectos e ambições, e o sentimento geral de que é necessário progredir leva-nos a essa convicção.

Um dos sintomas deste incremento inédito deu-nos agora a Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências ao contratar um «orientador técnico» para instruir e treinar os seus xadrezistas!

A escolha para o desempenho dessas funções recaiu em nós. Mais do que sentimento pessoal pela distinção, alegrá-nos o significado transcendente da iniciativa. Não se trata de ensinar a jogar o xadrez a meia dúzia de rapazes. O objectivo da missão que nos foi conferida é de preparar tecnicamente algumas dezenas de jovens já «lançados» no meio, oferecer-lhes o que pudermos da nossa experiência, poupando-lhes um longo período de assimilação e prática à custa do próprio esforço. Treino, teoria, técnica e tática não serão palavras vãs, sem aplicação prática.

Anima-nos o propósito de produzir trabalho real, para demonstrar as grandes possibilidades da preparação técnico-táctica no xadrez — e a vitalidade do desporto intelectual.

VASCO C. SANTOS



A ver si Guerrita daba así el pase de pecho — diz um admirador de Manuel dos Santos que o viu dar em Logroño este passe...

GUERRITA E MANUEL DOS SANTOS

«Curro Castañares», cronista tauromáquico espanhol que comparou o facto de «Guerrita» ter estoqueado nove touros num dia com o de Manuel dos Santos ter lidado doze em dois dias, confessa que «Si, es meritorio el alarde del diestro lusitano, pero tiene brillantes precedentes de mucho más esfuerzo en el redondeo». Seguidamente descreve a façanha de «Guerrita» nas três corridas de 19 de Maio de 1895, a primeira às 7 da manhã em S. Fernando, com touros de Saltillo, a segunda às 11, em Jerez, com Camaras, e terceira em Sevilha, com Murubes.

Alude ainda às de Francisco Vega de los Reys e de Vicente Barrera que mataram seis novilhos cada, pela manhã em S. Fernando e à tarde em Sevilha.

Esquece-se «Curro Castañares» que José Gomez Ortega «Gallito» matou seis touros várias vezes, e chegando a oferecer mais um, como aconteceu em Madrid, onde matou sete. Aceitemos, porém, que tem antecedentes o que fez o nosso compatriota, mas nem por isso tem menos mérito o que Manuel dos Santos fez este ano, em que foi o que mais corridas somou. Mas não aceitamos a afirmação de que «todos sabemos el relativo esfuerzo, la comoda jornada que impone una corrida en Portugal».

Pergunte «Curro Castañares» aos toureiros espanhóis que pedem mais dinheiro em Portugal porque aqui — dizem — os touros não são picados e chegam à «muleta» inteiros, sem perda de sangue, e difíceis também porque assim crescem, se são bravos. E pergunte aos que sabem bandarilhar, e que aqui têm de o fazer em todos os touros, porque o público o pede, até quando os touros não oferecem condições para o luzimento dos «diestros». E eles que lhe digam como o público lhes pede também para prolongar as «faenas», até ainda além da necessidade.

Pois Manuel dos Santos fez tudo isto nas seis corridas que lidou em dois dias, simulando os «quites» como se os touros fossem picados, bandarilhando até os touros que não se prestavam, alongando as «faenas» para corresponder ao desejo do público.

E tão bem o fez que deu voltas à arena, o que aqui equivale ao corte de orelhas, e saiu em ombros.

Não, «Curro Castañares», não é assim tão cómoda uma corrida em Portugal, e menos seis corridas em dois dias...

ROGERIO PÉREZ

Fábricas Metalúrgicas



Marca registada

AUGUSTO MARTINS PEREIRA

ALBERGARIA-A-VELHA

SÉDE

Telefone: 6 (P. B. X.)

Telegramas: «ALBA»

ESCRITÓRIO

R. dos Correiros, 40-2.º-E.

Telefone 21 319

D. SIMÕES & C.^a
ARMAZÉNS PARAIZO
SANGALHOS

Representantes e distribuidores exclusivos das bicicletas:
NEW HUSON — PERRY — PEUGEOT —
COMRADE — COVE TRY EAGLE DAYTON
— CENTAURE — VELEDA

e das câmaras de ar e pneus ingleses BRITANNIA